



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil



ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA A INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixos Temáticos:

1. INTEGRAÇÃO DAS SOCIEDADES NA AMÉRICA LATINA
2. EDUCAÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO LATINO-AMERICANO:
SUAS MÚLTIPLAS FACES
3. PARTICIPAÇÃO: DIREITOS HUMANOS, POLÍTICA E CIDADANIA
4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA
5. MEIO-AMBIENTE: QUALIDADE, CONDIÇÕES E SITUAÇÕES DE VIDA
6. CIÊNCIA E TECNOLOGIA: PRODUÇÃO, DIFUSÃO E APROPRIAÇÃO
7. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O DESENVOLVIMENTO SOCIAL
8. MIGRAÇÕES NO CONTEXTO ATUAL: DA AUSÊNCIA DE POLÍTICAS
ÀS REAIS NECESSIDADES DOS MIGRANTES
9. MÍDIA, NOVAS TECNOLOGIAS E COMUNICAÇÃO

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho 2012
Curitiba - Brasil

ANAIS



III CEPIAL

CONGRESSO DE CULTURA
E EDUCAÇÃO PARA INTEGRAÇÃO
DA AMÉRICA LATINA

Semeando Novos Rumos

Eixo 4

“CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA”

www.cepial.org.br
15 a 20 de julho de 2012
Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

MR4.1. Sociedade e Cultura de Fronteira

EMENTA

Esta mesa propõe-se a discutir fronteiras no Prata, contemplando diferentes temporalidades e espacialidades com enfoques voltados aos guaranis, às missões jesuíticas, aos migrantes dos séculos XIX e XX e às ideologias nacionalistas e de integração. Poderão ser trazidos ao debate estudos e reflexões que apontam para relações sociais transfronteiras, para vivências à margem das intencionalidades oficiais e de discursos hegemônicos. A composição da mesa proposta atentou para a inserção interinstitucional, para a interdisciplinaridade e vínculos com programas de pós-graduação que trabalham com fronteiras.

Coordenador: Valdir Gregory – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE - BRASIL)
Carmen Curbelo: Universidad de la Republica Uruguay - (UDELAR - URUGUAY)
Ernelo Schallenger – Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE – BRASIL)
Jones Dari Goeter: Universidade Federal da Grande Dourados - (UFGD - BRASIL)
Ricardo Carlos Abinzano: Universidad Autónoma de Misiones – (ARGENTINA)

RESUMOS APROVADOS

PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL LATINO-AMERICANO: O TRADICIONALISMO E A IDENTIDADE GAÚCHA (autor(es/as): Ana Carolina Rios Gomes)

O RAP ENTRE FRONTEIRAS: PRÁTICAS ESTÉTICO-MUSICAIS LATINO AMERICANAS (autor(es/as): Angela Maria de Souza)
REMANESCENTES DAS REDUÇÕES JESUÍTICAS DE NOSSA SENHORA LORETO E SANTO INÁCIO MINI NA PROVÍNCIA DO GUAIRÁ-1608-1639 (autor(es/as): BERENICE SCHELBAUER DO PRADO)

O CIRCUITO ROCKEIRO NA TRÍPLICE FRONTEIRA (autor(es/as): Franciele Cristina Neves)

A SOCIEDADE DE CONSUMO: ANÁLISES NA FRONTEIRA ENTRE BRASIL E PARAGUAI (autor(es/as): Luana Caroline Künast Polon)

Cortando a cerca: uma escola do campo frente a multiculturalidade contemporânea (autor(es/as): Lydia Maria Assis Brasil Valentini)

Movimento Hip-Hop como manifestação cultural: Uma análise do léxico de letras de rap em Foz do Iguaçu. (autor(es/as): RONALDO SILVA)

INTEGRALIZAÇÃO LATINOAMERICANA: AFIRMAÇÃO CULTURAL OU JOGADA IMPERALISTA? (autor(es/as): Victor Alves Pereira)

Sankofá- Abaeté: Construindo diretrizes, resgatando nossas raízes (autor(es/as): Vilisa Rudenco Gomes)

SAÚDE SEM FRONTEIRAS - REDE BINACIONAL DE SAÚDE NA FRONTEIRA BRASIL-URUGUAI (autor(es/as): Daniela da Rosa Curcio et alii.)

MR4.2. Apropriação, Usos do Território e Práticas Sociais Diferenciadas

EMENTA

Os trabalhos da presente mesa circunscrevem-se às pesquisas que vêm sendo desenvolvidas pelos participantes, que têm como referência diferentes sujeitos (quebradeiras de coco babaçu, quilombolas, ribeirinhos e trabalhadores rurais dentre outros) e práticas sociais, em distintos contextos. Os trabalhos explicitam diversos aspectos da problemática relativa à organização, apropriação e uso do território. O fio condutor das reflexões está referido às diferentes formas e estratégias utilizadas por esses sujeitos face às definições e redefinições recentes do território.

Coordenador: Joaquim Shiraishi Neto: Universidade estadual do Amazonas - (UEA - BRASIL)
Luís Fernando Cardoso e Cardoso: Universidade Federal do Pará - (UFPA - BRASIL)
Rosirene Martins Lima: Universidade estadual do Maranhão - (UEMA - BRASIL)
Ana Paulina Aguiar Soares: Universidade estadual do Amazonas – (UEA - BRASIL)

MEMÓRIAS DA GUERRA DO CONTESTADO- A CULTURA POPULAR ATRAVÉS DA RELIGIOSIDADE NO MONGE JOÃO MARIA DE JESUS EM MARILÂNDIADO SUL. (autor(es/as): Bruno Augusto Florentino)

DESENVOLVIMENTO TERRITORIAL E SUA INTERFACE NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DO MUNICÍPIO DE ROSANA-SP (autor(es/as): CLEDIANE NASCIMENTO SANTOS)

REFLEXÕES ENTRE A MANUTENÇÃO DAS IDENTIFICAÇÕES RURAIS E A INFLUÊNCIA DAS MODERNIDADES NA VILA DO DISTRITO DE GUARAGI - PONTA GROSSA (PR) (autor(es/as): FABELIS MANFRON PRETTO)

ÍNDIOS, TAPUIOS E “CABOCOS”. CULTURAS E IDENTIDADES MARGINAIS NA MANAUS DE ONTEM E HOJE. (autor(es/as): PAULO MARREIRO DOS SANTOS JÚNIOR)

TOPOFILIA & TOPOFOBIA – TOPOCIDIO & TOPO-REABILITAÇÃO: A MERCANTILIZAÇÃO DA CULTURA EXPRESSA NO PATRIMÔNIO HISTÓRICO ARQUITETÔNICO E URBANÍSTICO DE DIAMANTINA-MG (autor(es/as): RAHYAN DE CARVALHO ALVES)

ARELAÇÃO SER HUMANO/NATUREZA – REFLEXÕES A PARTIR DE UM ESTUDO DE CASO. (autor(es/as): ROSANA BARROSO MIRANDA).

MR4.3. Territórios, Memórias e Identidades latino-americanas

As ciências humanas e em especial as sociais desenvolveram no século XX teorias e metodologias para compreender e explicar como se elaboraram concepções de territórios, memórias e identidades, sobretudo na produção intelectual latino-americana. Atualmente, os estudos de caráter socioambiental contribuem sobremaneira com esses avanços, especialmente se forem considerados os aportes da antropologia, da geografia cultural, da história, da psicologia social e da sociologia. Além de localizar esses avanços, é fundamental trazer para o debate os resultados das pesquisas realizadas com esses múltiplos enfoques entre as dimensões da natureza e da sociedade

Coordenação: Salete Kozel – Universidade Federal do Paraná - (UFPR – BRASIL)
Maria Geralda de Almeida: Instituto de Estudos Socioambientais da Universidade de Goiás - (IESA/UFG – BRASIL)
Álvaro Luiz Heidrich: Universidade Federal do Rio Grande do Sul – (UFRGS – BRASIL)
Sandra Valeska Fernandez Castillo: Universidad de Concepción - (CHILE)
Alicia M. Lindon Villoria: Universidad Autónoma Metropolitana - (UAM – MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

4. CULTURA E IDENTIDADE NA AMÉRICA LATINA

“OUTROS” IMAGINADOS: AS REPRESENTAÇÕES DOS CIDADÃOS LATINO-AMERICANOS SOBRE AS CIDADES PRÓXIMAS E DISTANTES (autor(es/as): **Carla Beatriz Santos Menegaz**)

100 Anos de História: Alguns Elementos Formadores da Identidade Cultural do Território do Contestado (autor(es/as): **FLAVIA ALBERTINA PACHECO LEDUR**)

Guimarães Rosa no labirinto chamado América Latina (autor(es/as): **iolanda cristina dos santos**)

Los lugares de Memoria como lugares de Aprendizaje, tres estudios de caso: Santiago de Chile y Medellín-Colombia” (autor(es/as): **Karen Andrea Vásquez Puerta**)

A FESTA KALUNGA DE NOSSA SENHORA DE APARECIDA: IDENTIDADE TERRITORIAL E REAPROXIMAÇÃO ÉTNICA (autor(es/as): **Luana Nunes Martins de Lima**)

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS E SIMBÓLICAS: AS IDENTIDADES DAS FESTAS DO BOI-A-SERRA NO CENTRO-OESTE BRASILEIRO (autor(es/as): **Maisa França Teixeira**)

A construção do Patrimônio Cultural a partir do imaginário da população de Marechal Cândido Rondon - PR: um estudo sobre o lugar de memória Casa Gasa (autor(es/as): **Paulo Henrique Heitor Polon**)

A INFLUÊNCIA DO TURISMO NA VALORIZAÇÃO DA IDENTIDADE CULTURAL: O CASO DE SÃO LUÍS DO MARANHÃO (autor(es/as): **Saulo Ribeiro dos Santos**)

IDENTIDADE E FÉ NOS ASSENTAMENTOS RURAIS DE SERGIPE (autor(es/as): **Solimar Guindo Messi as Bonjardim**)

MR4.4. Espaço, gênero e sexualidades na América Latina

EMENTA

A mesa redonda tem como objetivo realizar uma reflexão sobre as relações de gênero que envolvem o processo de organização social, econômica e cultural dos territórios da América Latina, evidenciando as hierarquias e desigualdades baseadas nos papéis sociais insituídos para homens e mulheres.

Coordenadora: Joseli Maria Silva - Universidade Estadual de Ponta Grossa – (UEPG - BRASIL)

Marlene Tamanini: Universidade Federal do Paraná – (UFPR - BRASIL)

Diana Lan: Universidad Nacional del Centro – (UNC - ARGENTINA)

Maria das Graças Silva Nascimento Silva: Universidade Federal de Rondônia – (UFR – BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

A MARCHA MUNDIAL DAS MULHERES E A CULTURA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTEMPORÂNEOS (autor(es/as): **ALEXANDRA PINGRET**)

PELOTÓN MARIANA GRAJALES: O OLHAR DA REVISTA MUJERES NO ANO DE 1971 (autor(es/as): **Andréa Mazurok Schactae**)

NA ARGENTINA TANGOS, NO BRASIL TRAGÉDIAS! LÁ MATRIMONIO IGUALITÁRIO, AQUI UNIÃO CIVIL (autor(es/as): **CHRISTOPHER SMITH BIGNARDI NEVES**)

ECONOMIA SOLIDÁRIA, RELAÇÕES DE GÊNERO E COLETADORES DE MATERIAL RECICLÁVEL: LIMITES E AVANÇOS (autor(es/as): **Edinara Terezinha de Andrade**)

As mulheres do tráfico e a violência de gênero (autor(es/as): **Fernanda Pereira Luz**)

ARTICULAÇÕES EM REDE NA AMÉRICA LATINA: O CASO DE CDDLA E “CATÓLICAS PELO DIREITO DE DECIDIR” NO BRASIL (autor(es/as): **Francine Magalhães Brites**)

OS SUJEITOS NA MARGEM DA CULTURA - CONFLITOS NOS ESPAÇOS EDUCACIONAIS LATINO AMERICANOS (autor(es/as): **Gustavo Luiz Ferreira Santos**)

Habilidades Sociais e Sexualidade: A construção Identitária na Adolescência (autor(es/as): **Priscilla de Castro Campos Leitner**)

AS UNIÕES HOMOAFETIVAS CONFORME O BLOCO DE CONSTITUCIONALIDADE E UMA PROTEÇÃO NORMATIVA GLOBAL: GARANTINDO DIREITOS HUMANOS (autor(es/as): **Rafael da Silva Santiago**)

POLÍTICAS PÚBLICAS DE INCLUSÃO E PERMANÊNCIA DE LGBT NAS ESCOLAS PÚBLICAS DO ESTADO DO PARANÁ: UMA REFLEXÃO SOBRE SUAS APLICABILIDADES NO CONTEXTO DA EJA E PROEJA (autor(es/as): **Reinaldo Kovalski de Araujo**)

O MEDO NA CONSTRUÇÃO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE ADOLESCENTES DO SEXO MASCULINO DA PERIFERIA DE DIFERENTES ÁREAS URBANAS DE PONTA GROSSA, PR (autor(es/as): **RENATO PEREIRA**)

MR4.5. Sociedades Tradicionais: imagens, tempo, espaço e saberes sobre a natureza

EMENTA

Em sua interação com a natureza, com distintas conformações, as chamadas “sociedades tradicionais” ou as sociedades originárias, constroem, historicamente, em seu universo mental, imaginário e práticas ecoprodutivas, uma cultura própria que envolve o conhecimento e respeito aos ciclos e movimentos naturais, atribuindo significado à sua vida material e imaterial – aos espaços ou territórios de que fazem parte. Isso envolve ritmos de tempo diferenciados dos ritmos caracteristicamente produtivistas que regem as sociedades urbano-industriais, os quais se pautam, fundamentalmente, numa temporalidade cronometrada e aritmetizada – no tempo da fábrica. Contrapor essas diferentes culturas, em sua lógica própria, focalizando, particularmente, as imagens, ritmos temporais, territorialidades e saberes patrimoniais das “sociedades tradicionais” e/ou originárias, significa pensarmos numa política de futuro na qual se inscreva o grande legado que tais sociedades detêm no trato com a natureza, com base em sua cosmovisão, práticas e expressões culturais próprias, para a construção de novas formas societárias, numa síntese histórica, de futuros inéditos.

Coordenadora: Lúcia Helena de Oliveira Cunha: Universidade Federal do Paraná (UFPR – BRASIL)

Carlos Galano: Universidad Nacional de Rosario - (UNR- ARGENTINA)

Carlos Walter Porto Gonçalves: Universidade Estadual do Rio de Janeiro - (UERJ- BRASIL)

Liliana Porto: Universidade Federal do Paraná - (UFPR-BRASIL)

Arturo Argueta: Universidad Nacional Autónoma de México - (UNAM-MÉXICO)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil

RESUMOS APROVADOS

MULTICULTURALISMO, TURISMO E COMUNIDADES TRADICIONAIS: CAMPOS DE COEXISTÊNCIA E VIVENCIALIDADE? (autor(es/as): **Isabel Jurema Grimm**)

Seringueiros do Acre - Imaginário e Paisagem Cultural (autor(es/as): Janaína Mourão Freire).

AS PAISAGENS CULTURAIS DO/NO ESPAÇO FESTIVO DA COMUNIDADE ENGENHO II EM CAVALCANTE – GOIÁS: UM OLHAR À LUZ DA GEOGRAFIA CULTURAL (autor(es/as): **JORGEANNY DE FATIMA RODRIGUES MOREIRA**)
RECONHECIMENTO DAS ICCAS (ÁREAS CONSERVADAS POR COMUNIDADES INDÍGENAS E LOCAIS) NAS POLÍTICAS DE CONSERVAÇÃO AMBIENTAL: DISCUSSÕES ATUAIS. (autor(es/as): **Luciene Cristina Risso**)

MR4.6. História e Literatura na América Latina

EMENTA

Na produção historiográfica recente, a literatura vem surgindo como uma fonte que oferece importantes recursos de análise da sociedade. Incorporada solidamente no conjunto de inovações de fontes, métodos e problemáticas que há algumas décadas transformaram a experiência da pesquisa histórica, a literatura está presente hoje numa pluralidade de estudos que pretendem compreender o intrincado universo das experiências mais subjetivas de homens e mulheres. Na América Latina a literatura tem ocupado importante papel no movimento da sociedade. Seja ela abordada desde o ponto de vista da materialidade do livro, da localização social do escritor, de suas “redes de interlocução”, bem como numa análise dos significados do texto, das representações da realidade que ele traz. Pensar a América Latina desde o ponto de vista dessa relação é a reflexão central que norteia o debate aqui proposto

Coordenadora: Ana Amélia de Moura C. de Melo: Universidade Federal do Ceará (UFC - BRASIL)

Tracy Devine Guzman: Duke University of Miami – (ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA)

Soledad Falabella Luco: Universidad Diego Portales – (UDP - CHILE)

Adelaide Maria Gonçalves Pereira: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

Ivone Cordeiro Barbosa: Universidade Federal do Ceará – (UFC - BRASIL)

RESUMOS APROVADOS

Cartas de Nova York - José Martí Correspondente (autor(es/as): **Amanda Leite de Sampaio**)

O TURISTA APRENDIZ, DE MÁRIO DE ANDRADE VERSUS EL ZORRO DE ARRIBA Y EL ZORRO DE ABAJO, DE JOSÉ MARIA ARGUEDAS – UMA APROXIMAÇÃO LITERÁRIA E SOCIOLÓGICA NO PANORAMA LATINO AMERICANO (autor(es/as): **CRISTIANO MELLO DE OLIVEIRA**)

O espaço da ficção na identidade em invenção e memória, de Lygia Fagundes Telles (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Jorge Luis Borges e o Populismo Argentino (1946-1955) (autor(es/as): **Fernando de Moraes Gebra**)

Bahia 1860: o Brasil de Maximiliano (autor(es/as): **Flávia Silvestre Oliveira**)

OS INTELLECTUAIS E A NOVA ATENAS: Um estudo das representações nas obras dos literatos maranhenses no início da Primeira República (autor(es/as): **PATRICIA RAQUEL LOBATO DURANS**)

MR4.7. - Interculturalidade, Identidades e Arte Latinoamericana.

EMENTA

A mesa propõe-se a discutir as questões anunciadas, do ponto de vista da crítica de arte e dos artistas, aqui representados por Hector Guido (teatro) e Pavel Egúez (artes plásticas). A partir do enfoque das políticas de subjetivação e suas interfaces (Suely Rolnik) e da interculturalidade que se acentua na resistência da arte em tempos globais, observada, sobretudo, nas zonas transitórias (Ticio Escobar), quer desencadear o debate sobre os recursos críticos e expressivos que se manifestam na arte atual da nossa América, frente ao “esteticismo brando” regido pelos mercados globais, que desvia o capital simbólico e gera territórios homogeneizados

Coordenadora: Mariza Bertoli – Universidade de São Paulo – (USP – BRASIL)

Maria José Justino: Escola de Música e Belas Artes do Paraná - (EMBAP-PR - BRASIL)

Ticio Escobar: Ministro da Cultura do Paraguai - (PARAGUAY)

Hector Guido: Diretor de Cultura de Montevideú - (URUGUAI)

Gustavo Pavel Egúez: Artista Plástico - (EQUADOR)

RESUMOS APROVADOS

Entre balas e belas - Comunicação e Moda nas favelas cariocas (autor(es/as): **Alexandra Santo Anastacio**)

PAISAGENS CULTURAIS E FRONTEIRAS (autor(es/as): **Beatriz Helena Furlanetto**)

INDÍGENAS: ENTRE REPRESENTAÇÕES E DISCURSOS (autor(es/as): **Eder Augusto Gurski**)

DE LA CULTURA ORAL A LA DIGITAL: SABERES, MEMORIAS Y NARRATIVAS EN LA TRANSCULTURA. PERSPECTIVAS DESDE LA UNIVERSIDAD INDÍGENA DE VENEZUELA (autor(es/as): **Fabiana Anciutti Orreda**)

O ATOR E O GRUPO: DISCURSOS SOBRE O TEATRO FEITO NA UNIVERSIDADE (autor(es/as): **JEAN CARLOS GONÇALVES**)

FESTAS POPULARES E SUAS REPRESENTAÇÕES IMAGÉTICAS: LUGAR DE PROMOÇÃO DO PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO DAS CULTURAS SUBALTERNAS. (autor(es/as): **Katia Maria Roberto de Oliveira Kodama**)

ASPECTOS DA ECONOMIA CRIATIVA NO MERCOSUL A Indústria Fonográfica como fator de aproximação entre Brasil e Argentina (2003 – 2011) (autor(es/as): **marcello de souza Freitas**)

SUSTENTABILIDADE CULTURAL: MANUTENÇÃO, CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE PEQUENOS ACERVOS - RELATO DE EXPERIÊNCIA

(autor(es/as): **Rafael Schultz Myczkowski**)

FALA JUVENTUDE! UM ESTUDO SOBRE AS RELAÇÕES ENTRE JUVENTUDE, CULTURA E LAZER (autor(es/as): Sandra Rangel de Souza)

O Autorretrato Ampliado (autor(es/as): **Terezinha Pacheco dos Santos Lima**)

www.cepial.org.br

15 a 20 de julho de 2012

Curitiba - Brasil



**HABILIDADES SOCIAIS E SEXUALIDADE:
A CONSTRUÇÃO IDENTITÁRIA NA ADOLESCÊNCIA**

Priscilla de Castro Campos Leitner

Mestranda em Interdisciplinar em Ciências Humanas pela Universidade Tuiuti do Paraná. Especialista em Psicologia Corporal com Residência em Orgonoterapia, graduação em Psicologia e Administração. Atua principalmente no estudo e pesquisa do corpo relacionado a psicologia cultural. Realiza trabalhos individuais e em grupos com adultos dentro da Psicologia Corporal.

Email: priscilla.leitner@gmail.com

Resumo

Neste trabalho são destacados a construção da identidade e da identidade sexual na adolescência, as representações da alteridade e as relações, principalmente as subjetivas, com o espaço escolar. Dados de uma intervenção e pesquisa serão utilizados para ilustrar, apontando sinais de mudança na relação do adolescente com a sexualidade e trazendo a tona a problemática da educação sexual tanto a proferida pela escola, pela família e o impacto das redes sociais e as mídias de uma maneira geral. Entre os fatores relativos à construção da subjetividade, pode-se destacar tanto o lugar e valor dado pela cultura ao adolescente, quanto a relação deste com o ambiente. Estas experiências determinam relações e representações individuais sobre a sociedade e sobre si mesmo. O levantamento de dados foi feito nas intervenções com dois grupos focais e aplicação do



instrumento psicológico IHSA (Inventário de Habilidades Sociais em Adolescentes) de Del Prette & Del Prette. Participaram da pesquisa ao todo 148 adolescentes, na faixa etária de 12 a 17 anos. Durante o processo de intervenção com os grupos focais, realizaram-se diversas entrevistas e discussões com as temáticas de interação social, identidade, *bullying*, gênero e sexualidade. Como principais resultados podemos elencar os fatores assertividade, desenvoltura social e autocontrole da agressividade frente a situações aversivas, os participantes apresentaram uma média abaixo daquela considerada adequada pelo inventário, indicando que o repertório de habilidades sociais nestes fatores é deficitário. No que tange às habilidades sociais no processo de construção da identidade e da identidade sexual, os adolescentes demonstraram uma necessidade em se apreender a lidar com a alteridade e com os limites impostos pela sociedade.

Palavras-chave: Adolescência. Educação. Identidade. Sexualidade.



Introdução

Esta pesquisa teve como objetivo articular o conhecimento científico, em especial o psicológico e sociológico, tratando dos elementos de formação cultural e identitária, tendo como foco investigativo compreender as habilidades sociais e a sexualidade de adolescentes, através dos dados coletados de um projeto de intervenção com dois grupos focais, que ocorreu em 2011 em uma escola particular na cidade de Curitiba/PR.

O projeto de intervenção teve como objetivos trabalhar as dificuldades apresentadas pelos grupos na relação interpessoal, na formação identitária e desvios comportamentais no que tangem a sexualidade. Com o intuito de proporcionar a melhoria do bem-estar no ambiente escolar e auxiliar os adolescentes a lidarem com as projeções emocionais vivenciadas no meio social.

Os medos e limites no que tange a sexualidade, foram trabalhados através de dinâmicas, jogos e técnicas projetivas nos grupos, com a possibilidade de problematizar a sexualidade e suas relações de forma criativa e sem riscos, vinculados ao respeito mútuo.

O levantamento de dados foi feito através de intervenções com dois grupos focais e aplicação do instrumento psicológico IHSA (Inventário de Habilidades Sociais em Adolescentes) de Del Prette & Del Prette. Participaram da pesquisa ao todo 148 adolescentes, na faixa etária de 12 a 17 anos.

Durante o processo de intervenção com os grupos focais, realizaram-se diversas entrevistas e discussões com as temáticas de interação social, identidade, *bullying*, gênero e sexualidade. Os registros das observações foram feitos em diários de campo. Foi utilizado também o IHSA (Inventário de Habilidades Sociais em Adolescentes), trata-se de um instrumento de auto-relato que permite avaliar o repertório de habilidades sociais dos adolescentes num conjunto de situações interpessoais do dia-a-dia, utilizando-se de dois indicadores, a frequência e a dificuldade com que reagem a diferentes demandas sociais.

A análise dos dados teve como base teórica a Sociologia Contemporânea e a Psicanálise em que a articulação destes dois pensamentos possibilita a investigação sobre as dificuldades objetivas e subjetivas na construção identitária e no desenvolvimento psicosssexual dos adolescentes. Alguns conceitos teóricos serão inicialmente apresentados para que se possa fundamentar os aspectos mais significativos da pesquisa.



Educação e Subjetividade

Por muito tempo os educadores e estudiosos da aprendizagem tiveram um enfoque especialmente orgânico para sanar suas dúvidas e basear suas teorias referente ao desenvolvimento e problemáticas da aprendizagem. Com o passar dos anos houve uma mudança nestes conceitos e o aprender e as “anomalias escolares” começaram a ser entendidas também no âmbito social e afetivo-emocional. Visca (1991) descreve essa aprendizagem como uma construção intrapsíquica, com impacto genético, resultante nas pré-condições estruturais do sujeito e seu impacto no meio. Ou seja, não basta somente conhecer os aspectos funcionais e cognitivos do sujeito, pois existe uma inter-relação entre esses e aspectos emocionais e sociais.

Pode-se entender o processo educacional e de aprendizagem como uma inter-relação constituída por três pilares: os aspectos constitucionais e cognitivos, os vínculos familiares-emocionais e o ambiente escolar e social, de acordo com Cerezer & Outeiral (2005). O ambiente escolar muitas vezes ocupa um espaço entre a família e a sociedade, ela não é mais nem o conhecido e seguro mundo familiar, nem a tão desconhecida sociedade. Quase como um objeto de transicionalidade descrito por Winnicott (1975), que colabora com esta transição. O ambiente escolar pode até ser uma pseudo sociedade no início da adolescência, onde se aprende e experiencia os primeiros vínculos sociais.

Segundo Winnicott (1975) o professor precisa se preocupar em explorar o espaço potencial do aluno podendo utilizar métodos lúdicos. Esse espaço potencial é o lugar de separação entre o mundo externo e o mundo interno, entre realidade objetiva e a realidade subjetiva que pode ser preenchida com a criatividade do educador.

Os professores, assim como os pais, são as figuras de autoridade impostas aos adolescentes, muitas vezes os primeiros objetos – após os pais – de “amor edípico”, responsáveis pela noção de limite. Segundo Outeiral (2003) o limite não se trata de uma repressão, mas sim significa a criação de um espaço seguro onde o adolescente pode exercer sua criatividade sem riscos, para evitar que tenham total domínio de seus destinos e se tornem cruéis e maldosos.

Tanto Visca (1987) quanto Pichon-Rivière (2005) descrevem a importância de se mensurar os movimento e o contexto de uma relação, ou grupo, na realização de uma tarefa e na conclusão desta, pois podem se manifestar conteúdos que no início do processo estavam latentes.



Portanto a escola não atua somente voltada ao conhecimento, mas através de uma atividade eminentemente grupal traz a tona também funções de sociabilização. O jovem utilizando-se do sistema de forças atuantes na micro-sociedade, que é a escola, reedita sua identidade e exercita o viver em grupo. A escola é percebida a partir da história, desejo e os medos de cada um, lá que acontece a relação de forças inconscientes que as vezes se opõem ou se reforçam criando um dinâmica grupal que precisa ser compreendida. Bion (apud Py & Silva, 1968) descreve que os grupos adquirem uma unanimidade de pensamento, que vai além dos pensamentos e objetivos de cada indivíduo, resultando assim numa oposição conflitiva entre as necessidades do grupo e a necessidade individual.

O adolescente como explica Goffman (1993), projeta uma definição de relação no ambiente escolar, assim como a escola no seu papel, induz de maneira efetiva como deve funcionar a relação de aprendizagem. Tanto a escola, no papel do educador, quanto o adolescente traz seus próprios desejos por traz das afirmações e projeções. O que causa conflito, é quando um dos participantes apoia valores diferentes ou destoantes do que os outros se sentem confortáveis em aceitar. Calligaris (1978) resume assim:

“[...] em uma sociedade aberta como a nossa – onde a função social de cada um não é decidida de antemão – a adolescência é um momento de grande intensidade dramática, por ser o tempo da possibilidade (e necessidade) de preparar e fazer escolhas decisivas para a vida futura”.

Comprometimentos identificatórios na infância e adolescência podem trazer problemas a aprendizagem vivenciados no âmbito escolar. Paín (2009) comenta que o aprendizado, seja ele familiar, social ou escolar, depende de uma relação entre a percepção e o conhecimento.

Justamente por esta confusão contemporânea, o limite acaba muitas vezes sendo difícil de ser imposto aos adolescentes, pois existe uma clara e evidente dificuldade dos pais e professores de controlar os impulsos agressivos, latentes ou manifestos. Outeiral (2003) acredita que esta dificuldade é inconsciente, relacionada com os desejos e medos em contraposição a atual cultura que prega a liberdade de expressão.



Construção da Identidade e da Identidade Sexual

Os adolescentes da contemporaneidade tem cada vez menos tempo de contato com os pais, por outro lado são inseridas no convívio social mais cedo, pois acabam iniciando bem novos na escola, que passa a ser também um meio social cada vez mais importante. Na adolescência necessita-se que os vínculos primários e as bases narcísicas tenham sido construídos de forma saudável, pois a identidade irá remeter a estes dois fatores das primeiras relações. Ou seja, a adolescência vai exigir que o remanejamento identificatório esteja assegurado pela solidificação narcísica das relações objetais primárias.

Giddens (1973) analisando as modificações contemporâneas, acredita que num tempo anterior, onde existia um modelo familiar hierárquico – a modernidade – as relações familiares tinham um respeito implícito à autoridade, não era preciso apontar o líder de uma família, era subentendido. Hoje, a relação familiar está sujeita a negociação e a barganha, o melhor negociador detém a autoridade na família, não importando se é o provedor financeiro ou o adolescente. Conclui-se então que a relação de autoridade na pós-modernidade foi substituída pela relação de liberdade e individualidade.

As regras, normas e referências familiares também foram afetadas por essa “liquefação” da autoridade familiar, Bauman (2001) comenta que tanto na vida privada, quanto na pública o derretimento da anterior solidez das posições e funções de cada um chega-se num contexto onde as referências são construídas individualmente.

As modificações biológicas e corporais e o desenvolvimento puberal são vivenciados na adolescência como um fenômeno psicotizante. A ansiedade está relacionada principalmente com a possibilidade de concretização das fantasias edípicas. A latência é rompida e a parte psicótica da personalidade fica predominante, acompanhada de uma forma de pensamento própria dos processos primários.

Erikson (1976) comenta que a adolescência é marcada por uma rejeição das identificações anteriores e por uma busca de novos objetos de identificação. Se a identidade narcísica foi bem estabelecida o adolescente pode se lançar nessa busca de novos objetos sem nenhum risco. Mas caso este sentimento de identidade seja frágil esta necessidade objetal será sentida como um risco a base narcísica e identitária. Essa situação acaba por causar uma negação e repulsão do objeto devido a este ter um caráter antinarcísico.

A identidade desta forma pode ser pensada como uma ficção elaborada pelo sujeito a



partir de sucessivas identificações com modelos identificatórios. Freud (1914). A identificação como processo psíquico nos constitui e nos oferece a ilusão de sabermos quem somos e quem é o outro, a partir da constituição subjetiva calcada na representação identitária. Franz (1976) explica que estas identificações do adolescente leva, em última análise, a independência maior. Ao assumir suas atitudes perante as figuras de autoridade, o adolescente dispensa aos poucos o seu apoio real e caminha para a auto-suficiência.

“Nossos adolescentes amam, estudam, brigam, trabalham. Batalham com seus corpos, que se esticam e se transformam. Lidam com as dificuldades de crescer no quadro complicado da família moderna. Como se diz hoje, eles se procuram e eventualmente se acham. Mas, além disso, eles precisam lutar com a adolescência, que é uma criatura um pouco monstruosa, sustentada pela imaginação de todos, adolescentes e pais. Um mito, inventado no começo do século 20, que vingou sobretudo depois da Segunda Guerra Mundial” (Calligaris, 2000, p. 8 e 9).

Quanto mais satisfatório tenha sido os primeiros vínculos, que tenham permitido um investimento no eu continuado e equilibrado, mais estável e seguro será o sentimento de identidade no adolescente. Outeiral (2003) analisando o conceito de identidade, nos diz que a identidade do adolescente no momento que passa por identificações tende a ser entendida como o reflexo do antagonismo narcísico-objetal que constitui a base do entendimento do psiquismo da adolescência.

Severiano & Estramiana (2006) descreve que na contemporaneidade há uma excessiva utilização de símbolos culturais que servem para diferenciar e individualizar. O adolescente está propenso a utilizar bastante destes símbolos para identificar seus grupos e se sentirem seguros no ambiente. Os símbolos servem como forma de instituir comportamento, ideais e objetivos semelhantes.

A mente do adolescente é essencialmente uma mente em transição, sendo uma etapa psicossocial entre a moral aprendida na infância e a ética desenvolvida na fase adulta.



Esta mente está por vezes vulnerável a atuações exteriores. De acordo com Goffman (1993) a agressividade na adolescência pode causar danos ao exercer controle sobre a identidade, ameaçando a perda da identidade do indivíduo e conduzindo a uma desfiguração social.

Pode-se citar como elementos básicos da identidade o um vínculo de integração espacial, temporal e social, em que o *self* coeso seria basicamente a referencia espacial, o vínculo temporal se refere as diferentes representações do *self* no tempo. Quando existe uma continuidade destas representações forma-se a base do que se entende por permanência da identidade ao passar do tempo.

No processo de desenvolvimento é comum que existam identificações patogênicas, em menor ou em maior grau, pois como toda identificação objetal possui base narcísica, frente a obstáculos esta dificuldade objetal pode retroceder para o ego, como comenta Freud (1914) “... assim a sombra do objeto caiu sobre o ego (...) dessa forma, uma perda objetal se transformou numa perda do objeto”.

Knobel (1981) diz que não conseguimos a estabilização da personalidade sem que se atravesse um certo grau de conduta patológica, o que deve ser considerado normal no desenvolvimento neste período. A normalidade acaba por ser estabelecida na adaptação do meio, quando o indivíduo cria dispositivos para se satisfazer procurando se transformar em prol de si mesmo e de quem está ao redor.

“Acompanhados por todo o complexo psicodinâmico do luto normal por ocasiões, transitório e fugazmente, adquirir a características do luto patológico. Esta situação do adolescente frente sua realização evolutiva, baseadas nas relações interpessoais de sua infância, a qual deverá abandonar, leva-o a instabilidade que o define, constituindo um espécie de entidade no zoológico cujas as características essenciais descreverei como “síndrome adolescente normal”.”(Knobel, 1981 p. 10)

Fazendo uma análise emocional do que encontramos nos adolescentes, podemos dizer que eles tem uma interação, mas assim como encontramos na líquida sociedade



descrita por Bauman (2001), não há uma relação estabelecida. Na interação só há uma representação de papéis, o que acaba por transformar sujeitos genéricos, indiferenciados. Segundo Buber (2003) a relação é quando o Eu e o Tu se reafirmam, quando o Tu recebe e sustenta esse Eu.

“A palavra-princípio EU-TU só pode ser proferida pelo ser na sua totalidade. A união e a fusão em um ser total não pode ser realizada por mim e nem pode ser efetivada sem mim. O EU se realiza com o TU; é tornando EU que digo TU.” (Buber, 2003 p. 19).

Essa falta de relação retroalimenta essa dificuldade que cada um tem de se sentir seguro e de respeitar o Eu alheio. Assim entendemos que identificações são uma lenta hesitação entre o “eu” e o “outro”, enquanto a identidade do adolescente é quando ele encontra um EU que ilusoriamente esta livre de uma relação de objeto.

A sexualidade está ligada os aspectos afetivos, à historia de vida, os valores culturais e religiosos, os quais contribuem para a formação da identidade e para os componentes da identidade sexual como o papel de gênero e a orientação sexual. E sendo algo inerente do ser humano, está associada aos primeiros vínculos, ao equilíbrio emocional e as manifestações dos sentimentos.

Giddens (1993) descreve a respeito da construção da sexualidade, a qual deve ser compreendida através do modo como a experiência sexual vem se tornando cada vês mais disponível a todos, considerando, também, que a identidade sexual forma uma parte central da narrativa do eu. Pode-se correlacionar a extrema liberdade dada aos adolescentes, na atualidade, sem que se dê o devido respaldo emocional, propiciando que estes jovens desenvolvam maiores dificuldades de percepção, convívio saudável com sua própria sexualidade e a do outro.

Mas apesar da maior acessibilidade às informações sobre a sexualidade pode-se perceber grande contradição quando há a observação do número elevado de adolescentes grávidas, o que ocorre independente da facilidade de acesso a essas informações. Com isso pode-se presumir que tal fato ocorre não devido à falta de informação, mas a falta de conscientização, não apenas dos adolescentes, mas de pais,



professores e educadores.

A educação sexual que chega ao adolescente também é motivo de análise quando se percebe que esta tem um enfoque demasiadamente biológico, com a notável pretensão profilática no que diz respeito a doenças sexualmente transmissíveis, mas que muitas vezes deixa de lado outros fatores inerentes a sexualidade. Segundo Souza (2000) a genitalidade refere-se aos órgãos de reprodução na adolescência a última das satisfações eróticas, e a sexualidade inclui aspectos afetivos, eróticos, amorosos e aspectos da história de vida de cada indivíduo.

Os comportamentos sexuais são influenciados inevitavelmente pelos cenários culturais, as instituições e a mídia. A cultura tem uma relação muito próxima com a forma que os indivíduos vivenciam, aprendem e desenvolvem o prazer. Freud (1976). A força que reprimia as pulsões sexuais analisada pelo autor é muito próxima à força cultural que hoje prega a liberdade individual e a busca pela satisfação imediata.

Na fase pré-adolescência a aparência física é pré-puberal, há um baixo investimento na sexualidade, ou seja, as informações provêm de amigos, da escola, da família, das redes sociais, tendo conhecimento dos poderes da sedução, de acordo com Giddens (1993). As diferentes redes culturais estabelecem sentidos e significados para suas práticas. Assim, o trabalho de traduzir, de procurar compreender o sentido que os discursos e os atos assumem para o outro esbarra na dificuldade de que o simbólico utilizado para esse trabalho não se sobrepõe ao que esse outro utiliza. Souza & Aguiar (2009).

O acontecimento da adolescência, com suas modificações pubertárias, ameaça o eu de um perigo vivido como advindo tanto de fora quanto de dentro. A ameaça exterior ou vivida desta forma é a do corpo vivido como “exterior”, eventualmente persecutório. Um corpo percebido num sentimento de estranheza com o objeto externo e não como um eu-corpo unificado.

De hábito, os pais oferecem à criança e ao adolescente um conjunto de traços mais ou menos organizados à imagem de suas próprias construções edípicas. O adolescente, na puberdade, reencontra aquilo que experienciou na infância, atualizado e remanejado pelas transformações corporais. Ele procura extrair desse conjunto de experiências as novas posições identificatórias que os diferentes acontecimentos da adolescência suscitam nele. E faz referência ao pano de fundo de sua história (pulsional) pessoal e no de sua história (identificatória) familiar.



Segundo Costa et al (2001) o envolvimento parcial na fase da adolescência tem o intuito apenas das sensações e no envolvimento soma o desejo de sensações com o contato físico, porém ainda não esteja bem claro.

A curiosidade da sexualidade inicia-se na infância com os carinhos, brincadeiras, convívio com os colegas, sensações de prazer e desprazer e o contato com os pais iniciando com as dúvidas e os conflitos da sexualidade. Nesta etapa a escola é um dos elementos para contatos interpessoais, o contato com os colegas criam fantasias sexuais, imagens eróticas da relação sexual resultando na masturbação ou auto-erotismo. Como consequência existe a repressão à masturbação que dá início a restrição da sexualidade.

No período da adolescência existe uma necessidade de afeição, em que a estimulação sensorial, a atenção e o carinho são requisitados. Com a interação afetiva deste do período e as figuras parentais vai propiciar um lastro firme pra o desenvolvimento sadio, pelos anos da adolescência e da idade adulta.

Experiência da Alteridade

A formação identitária oferece ao adolescente o acesso a verdade sobre si e sobre o outro, trazendo segurança quando deparado ao medo do sujeito em problematizar sua subjetividade. Segundo Lipovetsky (2005) existe um gosto contraditório pela mudança e pela individualização, a ambígua vontade de fundir-se num grupo social e o desejo marcante de diferenciar-se dele, ainda que em detalhes. O homem contemporâneo constitui sua subjetividade como o próprio Eu, e o individualismo implica na internalização da noção do “eu privatizado”.

A alteridade trata-se de uma questão ética, em que para o completo desenvolvimento da criatividade é necessário algumas condições essenciais para elaboração de espaços simbólicos de troca, uma saudável relação com o outro e o ambiente. Observa-se que hoje as relações familiares, trazem uma contradição marcante, no movimento dos pais pautado em valores de ordem racional e material, substituindo as condições de natureza afetiva, exigindo desempenho, mas também satisfazendo demandas consumistas.

O que leva a crise da identidade e dos limites, a falta de contato verdadeiro com o outro, nas relações afetivas, é erroneamente substituído pela gratificação de necessidades criadas por um sistema de consumo, que muitas vezes não tem nada a ver com os reais desejos dos adolescentes, colocando a exigência de desempenho no meio



social como um fator que aumenta o nível de ansiedade ao invés de estimular relações saudáveis. A ideologia de consumo traz uma sensação narcisista de possuir, um fascínio que tem grande apelo midiático aos adolescentes, que tornam detentoras de poder sem mesmo conseguir financiá-lo.

Sibilia (2008) discorre sobre as contemporâneas alterações na subjetividade e como foi alterada a forma com que a personalidade é modelada para ser visível. Nossa cultura traz uma necessidade de exposição, como que uma necessidade irremediável de expor tudo. E fazendo acreditar que o que não é visto, não existe.

Na modernidade a personalidade era inter-dirigida, existia a necessidade de elaboração, a subjetividade era construída através de um detalhado processo de introspecção. Na atualidade segundo Sibilia (2008) a personalidade é alter-dirigida, ancorada numa subjetividade fragmentada, e orientada para e pelo o outro. Esta personalidade não é mais construída, mas sim modelada para promover e vender o Eu, que é redefinido e barganhado socialmente. A imagem pessoal ganha mais valor do que as reais necessidades emocionais, e realidade individual é transformada em entretenimento.

Podemos nesta leitura relacionar o que nos traz Simmel (2006) quando diz que a modernidade produz alienação da mesma forma que viabiliza a liberação, ou seja, prega a liberdade no mesmo discurso que limita e controla o homem. Esta análise pode remeter a Foucault (1993) quando diz que a mesma força que reprimia passa a exigir a liberdade, fato ambíguo, mas nada incomum tanto na modernidade sólida quanto na transição para a modernidade líquida.

Relacionando Bauman (2008) e Simmel (2006) podemos encontrar uma linha mestra em relação a algumas tendências da vida moderna como o empobrecimento da sensibilidade emotiva, o descaso ao passado e a valores tradicionais considerados conquistas da modernidade como a liberdade, o espaço concedido ao experimento e a pesquisa, os quais permitiram maior possibilidade dos indivíduos poderem desenvolver potencializações, preferências, inquietudes, cultivações pessoais.

A indômita individualização que acompanha a modernidade foi descrita por Bauman (2001) como o “transformar a identidade humana de um ‘dado’ em uma ‘tarefa’ e encarregar os atores da responsabilidade de realizar essa tarefa e das consequências (assim como dos efeitos colaterais) de sua realização.”

A exposição virtual não consegue ser mais apenas âmbito do texto ou da escrita,



como era anteriormente, hoje existe uma necessidade de expor o corpo, de mostrar a pele. A personalidade está na pele, por isso o corpo é enfeitado, modelado e esculpido para ser refletir a imagem, muitas vezes irreal, do sujeito. Negar a sua imagem real, o seu *self* corpóreo, em prol de uma imagem real e idealizada do ego é a articulação narcisista que podemos encontrar atualmente.

O privado se tornou publicamente escancarado, e por mais constrangedora e humilhante que seja a fama conquistada a sociedade do espetáculo converte tudo em mercadoria. O consumo não é só o consumo capitalista mercadológico, existe uma nova modalidade do consumo, o consumo do Eu, das personalidades que se permitem ser consumidas, barganhadas e também, porque não, descartadas como um objeto. Sibilia (2008) introduz o termo “objeto” para explicar esta paradoxal transformação de sujeitos em objetos e objetos em sujeitos.

Para Lipovetsky (2007) o consumo hipermoderno não é somente uma manifestação do hedonismo individualista, mas também uma tentativa de responder as incertezas que tomam conta do indivíduo, devido ao crescimento exponencial de referenciais e novas expectativas. A subjetividade fragmentada não consegue administrar o risco de se tornar descartável e de se descobrir objeto nesta trama globalizada que se está inserido. Nos mostra as tendências confessionais, exibicionistas e performáticas que são o alicerce da subjetividade e o consumo identitário, em uma espetacularização do Eu que visa à obtenção de um efeito: o reconhecimento nos olhos do outro. Porém, essa construção de si como personagem visível indicaria na realidade um marcante pavor da solidão.



Questões a partir da Pesquisa de Campo

Busca-se aproximar as questões colocadas acima com os relatos da pesquisa de campo realizada em Curitiba durante o ano de 2011. Esta pesquisa se originou de um projeto de intervenção que teve como objetivo trabalhar através de dinâmicas, vivências, jogos e técnicas projetivas os medos e limites no que tange a sexualidade, a construção identitária e o relacionamento interpessoal em turmas do ensino fundamental e médio de uma escola particular. As atividades tiveram o intuito de trabalhar a capacidade de interação e decisão do grupo; entrar em contato com os sentimentos, quando se vê frente a situações problemáticas; identificar características pessoais a partir da visão do outro; reflexão a respeito da visão de si mesmo e da projeção para o futuro, identidade e desenvolver a confiança no outro.

O levantamento de dados ocorreu nos grupos focais em 12 encontros de duas horas-aula distribuídos durante o ano letivo. As entrevistas e discussões foram anotadas no caderno de campo e juntamente com os resultados do instrumento psicológico IHSA (Inventário de Habilidades Sociais em Adolescentes) pode-se articular a respeito das mudanças e desafios da construção da identidade do adolescente.

O IHSA, validado pelo Conselho Federal de Psicologia. É um instrumento de auto-relato constituído por 38 itens, elaborados para contemplar as principais demandas de desempenho interpessoal de adolescentes entre 12 e 17 anos, junto a diferentes interlocutores (família, amigos, colegas, pessoas de autoridade, parceiros afetivo-sexuais, desconhecidos) e contextos (relações familiares e escolares, afetivo- sexuais, lazer, trabalho e amizade). Para cada um dos itens, o adolescente deve julgar quão difícil é para ele apresentar a reação indicada no item e qual a frequência com que apresenta a reação indicada em cada item.

Nesses dois indicadores (frequência e dificuldade), as respostas são mensuradas em uma escala tipo Likert de 5 pontos. Para a frequência, as categorias de respostas são: 0 a 2- Em cada 10 situações desse tipo me comporto dessa forma no máximo 2 vezes; 2 a 4 – Em cada 10 situações desse tipo me comporto dessa forma de 3 a 4 vezes; 5 a 6 - Em cada 10 situações desse tipo me comporto dessa forma de 5 a 6 vezes; 7 a 8 - Em cada 10 situações desse tipo me comporto dessa forma de 7 a 8 vezes; 9 a 10 - Em cada 10 situações desse tipo me comporto dessa forma de 9 a 10 vezes. As categorias de respostas para o indicador de dificuldade são: nenhuma, pouca, média, muita e total. Com

relação às qualidades psicométricas do instrumento, o estudo de validação original mostrou que a escala tem elevada consistência interna (Coeficiente Alpha de 0,896 para frequência e 0,904 para dificuldade) e uma estrutura de seis fatores, sendo: Fator 1 - Empatia (10 itens, $\alpha=0,820$), Fator 2 - Autocontrole (8 itens, $\alpha=0,686$), Fator 3 - Civilidade (6 itens, $\alpha=0,751$), Fator 4 - Assertividade (7 itens, $\alpha=0,679$), Fator 5 - Abordagem Afetiva (6 itens, $\alpha=0,615$) e Fator 6 - Desenvoltura Social (5 itens, $\alpha=0,698$). O instrumento permite a identificação de reservas e déficits em classes e subclasses de habilidades sociais. O IHSA apresenta a seguinte estrutura fatorial: Fator 1- Empatia; Fator 2-Autocontrole; Fator 3- Civilidade; F 4-Assertividade; Fator 5-Abordagem Afetiva; Fator 6- Desenvoltura Social.

Abaixo segue os resultados no que tange ao escore total da frequência de emissão das habilidades sociais, o escore total seria o somatório dos fatores já citados.

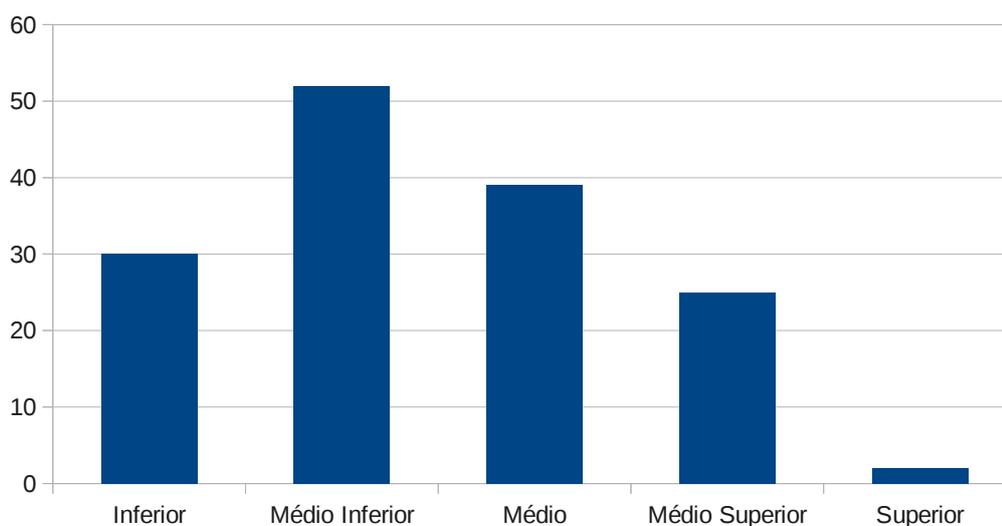


Figura 1: Distribuição dos respondentes (n=148) nos diferentes tipos de repertórios de habilidades sociais no indicador geral de frequência (escore total).

Os resultados apresentados no gráfico acima, apontam que no total da amostra, 20,3% apresentam um repertório de habilidades sociais abaixo da média inferior, e 35,1% apresentam repertório médio inferior. Portanto, 82 participantes que correspondem a 55,4%, apresentam um repertório deficitário de habilidades sociais. Sendo que 26,3% apresentam um bom repertório, o que mostra um equilíbrio entre déficits e recursos;

16,8% apresentam um repertório elaborado e 1,35% apresentam um repertório altamente elaborado. Pode-se dizer que 44,5% dos participantes apresentam recursos comportamentais.

A próxima figura apresenta os resultados gerais (escore total) no que se refere ao indicador de dificuldade, mostrando qual o custo de resposta e ansiedade em emitir determinados comportamentos nos contextos pesquisados.

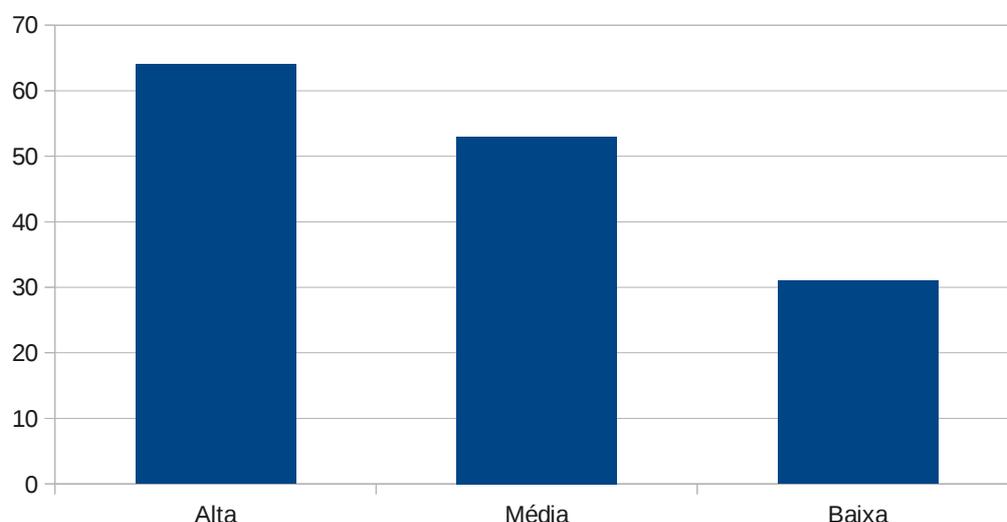


Figura 2: Distribuição dos respondentes (n=148) nos diferentes tipos de indicadores de dificuldade.

Podemos perceber na figura 2 que no total da amostra, 43,2% dos respondentes apresentam alto custo de resposta e ansiedade na emissão da habilidade social, e 35,8% apresentam médio custo de resposta e 20,9% apresentam baixo custo de resposta e emissão da habilidade.

Nos fatores assertividade, desenvoltura social e autocontrole da agressividade frente a situações aversivas, os participantes apresentaram uma média abaixo daquela indicada como adequada pelo inventário, indicando que o repertório de habilidades sociais nestes fatores é deficitário.

No caso das adolescentes do sexo feminino, no que diz respeito ao fator abordagem afetiva, estas alcançaram uma média relativamente superior aos apresentados pelos



adolescentes do sexo masculino, demonstrando que os recursos interpessoais neste quesito estão mais satisfatórios.

Durante os encontros, entrevistas e discussões foram, algumas falas foram registradas no caderno de campo, em geral para relatar que: foi fácil responder ao instrumento, sobre a dificuldade em se expor “difícil falar da gente”. As meninas, no entanto, emitiram maior frequência de comportamentos de iniciar uma conversa com a pesquisadora, seja para expressar sentimentos ou opinião, pedir ajuda, fazer perguntas. Durante as discussões sobre sexualidade, foi notória uma divisão de comportamentos, entre os mais ansiosos e falantes, e os muito tímidos. Durante a resposta do instrumento houve nos grupos perguntas como “eu não sei o que responder porque não faço sexo” fazendo referencia a sexualidade.

No que tange às habilidades sociais no processo de construção da identidade e da identidade sexual, os adolescentes demonstraram uma necessidade em se apreender a lidar com sua sexualidade, a respeitar a forma com que o outro lida com sua própria e, também, ensiná-los a respeitar as escolhas alheias e a fazer suas próprias.



Referências

Bauman, Zygmunt (2001) *A sociedade individualizada: Vidas contadas e histórias vividas*. Zahar.

Buber, Martin (2003) *Eu e Tu*. São Paulo: Centauro.

Calligaris, Contardo. (1978). "A sedução dos jovens". In: J. Gallatin. *Adolescência e individualidade: uma abordagem conceitual da psicologia da adolescência*. São Paulo: Harbra.

Calligaris, Contardo. (2000) *A adolescência*. São Paulo: Publifolha.

Cerezer, Cleon.; Outeiral, José (2005) *O mal-estar na escola*. Rio de Janeiro: Editora Revinter.

Costa, Maria Conceição, Lopes, Clevane Pessoa A., Souza, Ronald Pagnoncelli, Patel, Balmukund Niljay (2001) *Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção*. Rio de Janeiro: Jornal de Pediatria da SBP.

Del Prette, Zilda. A. P.; Del Prette, Almir. *Inventário de habilidades sociais para adolescentes (IHSA – Del Prette)*.

Erikson, Erik Homburger (1976). *Infância e sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar.

Franz, Alexander (1976) *Fundamentos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Freud, Sigmund (1914/1976) *Algumas considerações sobre a psicologia do escolar*. Rio de Janeiro: Imago.



Freud, Sigmund. (1930/1976) O mal-estar na civilização. Rio de Janeiro: Imago.

Foucault, Michel (1993). História da sexualidade I: a vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.

Giddens, Anthony. (1993) A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades. São Paulo: UNESP.

Goffman, Erving (1993) A apresentação do eu na vida de todos os dias. Lisboa: Relógio D'Água.

Knobel, Maurício (1981) A síndrome da adolescência normal. In: Aberastury, A. & Knobel, M. Adolescência normal: Um enfoque psicanalítico. Porto Alegre: Artmed.

Lipovetsky, Gilles. (2005) A era do vazio: ensaio sobre o individualismo contemporâneo. São Paulo: Monole.

Lipovetsky, Gilles (2007) A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras.

Marty, François. (2006) "Adolescência, violência e sociedade". Rio de Janeiro: Revista Ágora, vol.9, n.1, pp. 119-131.

Outeiral, José. (2003) Adolescer: estudos revisados sobre a adolescência. Rio de Janeiro: Revinter.

Paín, Sara (2009). Subjetividade e Objetividade: Relação entre desejo e conhecimento. Petrópolis: Vozes.





Sibilia, Paula (2008). O show do eu: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Pichon-Riviére, Enrique. (2005). O processo grupal. São Paulo: Martins Fontes.

Py, M.; Silva, L. A. (1968) Contribuições de Bion à Psicoterapia de Grupo . In: Grupoterapia Hoje. Porto Alegre: Artmed.

Severiano, Maria de Fátima Vieira; Estramiana, José Luis Alvaro (2006). Consumo, narcisismo e identidades contemporâneas: uma análise psicossocial. Rio de Janeiro: EdUERJ.

Simmel, Georg (2006). Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Zahar.

Souza, Mériti.; Aguiar, Fernando. (2009) Traduções e travessias: possibilidades do (re)encontro com o outro. Rio de Janeiro: Ágora, vol.12, n.2, pp. 307-317.

Souza, R.P. (2000) Sexualidade - Riscos - Escola. In: Morais de Sá CA, Passos MRL, Kalil RS. Sexualidade humana. Rio de Janeiro: Revinter.

Visca, Jorge. (1987) Clínica Psicopedagógica. Epistemológica Convergente. Porto Alegre, Artes Médicas.

Visca, Jorge. (1991). Psicopedagogia: novas contribuições. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

Winnicott, Donald Woods (1975). O brincar e a realidade. Rio de Janeiro: Imago.